

Cláudia Regina Bovo. *Intimização e poder: as representações do parentesco espiritual no Tristan de Béroul*. (Mestre – UNIFRAN – docente)

Após três décadas da realização do evento *Famille et parenté dans l'Occident médiéval*¹, realizado junto a *École Pratiques des Hautes Études*, as pesquisas sobre a temática do parentesco medieval voltaram-se para o desenvolvimento de uma abordagem antropológica, na qual a análise não se detém apenas na delimitação de grupos de residência, mas abrange, as interconexões entre a consangüinidade, as relações de aliança e os vínculos espirituais. Dentre os medievalistas que atuaram no desenvolvimento desta nova abordagem do parentesco, Anita Guerreau-Jalabert tem ocupado lugar de destaque não só pela amplitude de suas problemáticas e sínteses, mas, sobretudo pela preocupação com a fundamentação conceitual e metodológica vinda da antropologia. Apesar da grande contribuição prestada, a própria autora reconhece a necessidade de enriquecer e afinar as observações no domínio da terminologia utilizada em fontes latinas e vernáculas, nas articulações entre parentesco e controle da terra e, além disso, nas relações estabelecidas entre o cristianismo e o parentesco espiritual.

Cientes das dificuldades que cercam o estudo do parentesco e das possibilidades de abordagem do tema analisamos aqui os vínculos de parentesco espiritual como meio de reprodução das relações do poder feudal. O parentesco tem papel singular na reprodução do poder feudal, pois é por meio dele que um número cada vez maior de vínculos sociais e espirituais são contraídos, multiplicando as forças materiais e morais dos grupos aristocráticos que, por volta do final do século X, condicionam a posse do solo à hereditariedade. Grande parte dos estudos desenvolvidos até agora privilegiou a documentação latina produzida em ambiente eclesiástico. Devido a isto, optamos por analisar uma fonte em língua vernácula que tivesse ampla circulação. Nossa fonte principal é o manuscrito do *Tristan* de Béroul da segunda metade do século XII, editado por Ernest Muret².

As práticas e as representações da estrutura de parentesco medieval repousam sobre a combinação de duas formas de parentesco, às vezes opostas, às vezes

¹ Colóquio realizado em Paris, no ano de 1974, coordenado por Jacques Le Goff e Georges Duby em colaboração com o *Collège de France* e a *École Française de Rome*.

² A Association de Bibliophiles Universels disponibiliza a edição de Ernest Muret e a tradução moderna de Payen pelo sites <http://abu.cnam.fr/> ou <http://www.gallica.fr>.

complementares: o parentesco carnal e o parentesco espiritual³. Especialmente para o mundo cristão, a oposição carnal e espiritual colaborou para a construção das concepções de parentesco. Visto que, as temáticas fundamentais da geração espiritual, como a Encarnação e Redenção⁴, integraram numerosamente os escritos doutrinários⁵, a idéia de uma transmutação possível da geração carnal em um parentesco espiritual circularam durante toda a Idade Média. Construiu-se um sistema de ligações e de relações sociais assentadas na valorização dos vínculos do espírito em detrimento dos laços estabelecidos pela carne.

Essa assimilação dos vínculos espirituais tem tamanho alcance durante o período que estes se fundam e se sustentam sobre as mesmas bases dos interditos sexuais impostos ao parentesco carnal. A lógica desses interditos repousa precisamente sobre a relação hierárquica do espírito e da carne, da qual deriva a definição medieval do incesto: “este último é pensado pelos teólogos como a impossível ‘carnalização’ de uma relação perfeita fundada sobre a identidade espiritual que une dois indivíduos”⁶, uma identidade que nasce da consangüinidade, da aliança, mas também de um sacramento, tal como o batismo e posteriormente o adubamento (século XII), no qual Deus une diretamente duas almas pela forma perfeita do amor cristão, a *caritas*.

A noção de *caritas* constitui um dos elementos essenciais para a organização e compreensão da estrutura de parentesco cristã; pois, “emanando de Deus e do Espírito Santo, a *caritas* é ilustrada de maneira paradigmática pelas relações entre as pessoas divinas e em particular entre o Pai e o Filho. Ao fundar a relação do homem com Deus e dos homens entre si por intermédio de Deus, a *caritas* aparece como a imagem e o cimento de toda relação positiva e frutuosa em uma sociedade que, pensada como uma vasta rede de fraternidade espiritual unindo os cristãos, coloca o amor como princípio de sua existência e de seu funcionamento”⁷. Outra característica relevante da noção de

³ GUERREAU-JALABERT, A. La parenté dans l'Europe. à propos d'une synthèse récente. *L'Homme*, n. 110, 1989, p. 69-93.

⁴ A Encarnação, a Redenção e a contínua atuação da Igreja constituem a necessária mediação entre dois princípios opostos que são, após a Queda do paraíso, o carnal e o espiritual. Elas os reordenam em uma relação positiva, na qual assegura a dominação do espírito sobre a carne, dominação que termina na visão escatológica da espiritualização da carne.

⁵ Dentre os autores patrísticos temos São Jerônimo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho, “provavelmente o mais fecundo deste período”, conforme Anita GUERREAU-JALABERT, *Spiritus et caritas. Le baptême dans la société médiévale*. In: HÉRETIE-AUGÉ, F.; ROUGIER, E. (dir.). *La Parenté Spirituelle*. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 1995, p. 144.

⁶ GUERREAU-JALABERT, A. L'Arbre de Jessé et l'ordre chrétien de la parenté. In.: IOGNA-PRAT, D.; PALAZZO, E.; RUSSO, D. *Le culte de la vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996, p. 157.

⁷ GUERREAU-JALABERT, A. *Ibidem*.

caritas é sua independência em relação ao parentesco carnal. Diferentemente do que se pensava, a *caritas* atua como cimento das relações sociais, podendo ser difundida sem a existência de vínculos carnis de parentesco. Por este viés, a consangüinidade e a aliança são formas de fazer circular a *caritas* e os vínculos do espírito tornam-se os instrumentos ideais e práticos privilegiados para operar a reprodução das relações sociais.

Outros tipos de vinculação social assentados em formas similares a *caritas* multiplicaram-se, constituindo novas experiências de ligação social, derivadas do modelo de aliança espiritual entre os cristãos. As confrarias, as fraternidades, os grupos de ofício mais tardios e na aristocracia, o adubamento e a homenagem⁸, configuraram-se como práticas explícitas de manipulação do parentesco em termos de ligações espirituais. Essa disseminação e apropriação do modelo de *caritas* invadiu o cenário feudal, não pelo batismo, tema privilegiado entre os autores patrísticos e os teólogos, mas por meio das noções de fidelidade e de amor (cortês) atreladas à literatura vernácula. O que normalmente chamamos de relações “políticas” repousam, neste período, sobre noções de amor e poder, que ultrapassam a tradicional dicotomia dominação/sujeição. As redes feudais abarcam claramente parentes e não parentes, que são designados sem distinção pelo vocábulo *ami*, pertencentes à *mesnie* (mesnada) de determinado rei ou príncipe. Não é trivial considerarmos as relações de dominação e sujeição em virtude de elementos cujos valores residem, antes de tudo, na relação entre os homens e Deus.

Como salienta Guereau-Jalabert⁹, muitas vezes a aristocracia laica se representa como uma fraternidade espiritual, na qual uma noção de amor, fundada na doutrina eclesiástica, pode ser (re)elaborada para que expresse o ideal social de um grupo que pretende legitimar sua posição frente à Igreja sem deslegitimá-la. Nesses discursos, entre os quais se insere o *Tristan* de Bérout, as expressões da fidelidade vassálica e da fraternidade cavaleiresca se confundem. O que demanda uma análise cuidadosa dos

⁸ Apesar da homenagem ser um rito de origem germânico, praticado num período em que os laços espirituais cristãos ainda não eram hegemônicos (Alta Idade Média), sua apelação simbólica à solidariedade e a união moral dos praticantes se aproxima do ideal de união no amor fraternal promovido pela *caritas*. As orientações de Georges Duby em *Idade Média, Idade dos homens...*, *op. cit.*, p. 103, também conduzem a interpretação de que os vínculos espirituais de parentesco constituíram uma das estruturas principais da sociedade feudal, delimitando práticas e fornecendo modelos para um número imenso de outras relações. Da mesma forma em LE GOFF, J. O ritual simbólico da vassalagem. In: _____. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980, p. 325-385 e GUERREAU, A. Para uma teoria do feudalismo. In: _____. *O feudalismo um horizonte teórico*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 213-257.

⁹ GUERREAU-JALABERT, A. Caritas y don en la Sociedad Medieval. *Hispania*, 204, 2000, p. 46.

termos empregados e das noções construídas, a fim de se alcançar definições mais precisas das formas de reprodução do parentesco espiritual entre os laicos e da importância desses grupos extensos, não consanguíneos, na garantia da autoridade e da legitimidade do poder aristocrático.

Dessa forma, partimos para a análise no *Tristan* de Béroul dos vocábulos que confirmem ou não a existência de um grupo de auxílio e convivência, formado a partir de ligações espirituais, mas que não excluem, em contrapartida, os parentes carnis. Um grupo construído a partir do ambiente masculino da feudalidade, no qual relações de dependência e solidariedade são firmadas para sustentarem a legitimidade e a autoridade do senhor sobre seu território e sobre seu próprio grupo.

No *Tristan*, temos a ocorrência de dois termos que se referem exclusivamente ao grupo que vive à volta do rei, grupo este composto não necessariamente de parentes: a *mesnie*¹⁰ e a *barnage*¹¹ do rei Marcos e a do rei Artur. O vocábulo *mesnie* aparece oito vezes na narrativa, em duas se referindo ao grupo que acompanha o rei Marcos, sem definir precisamente aqueles que integram o grupo. As outras citações mencionam o grupo que auxilia, acompanha e também defende o rei Artur. Na primeira passagem¹², situada no contexto da corte durante o efeito da beberagem de amor, a *mesnie* do rei Marcos adquire uma conotação negativa, já que ela é responsável por fazer intrigas para alimentar a desconfiança do rei em direção a Tristão e Isolda. Já a segunda ocorrência¹³, no episódio do enfraquecimento do efeito da beberagem, fica explícito a necessidade de Tristão se recolocar a serviço do rei, a quem agora deseja servir com grande honra em sua *mesnie*. Nessa passagem, Tristão não exalta suas qualidades para ser merecedor da

¹⁰ Grupo de seguidores de um senhor que são normalmente seus homens de armas, sua tropa. Cf. GODEFROY, F. *Dictionnaire de L'ancienne Langue Française*. v. 4. Paris: 1880-1902, p. 294.

¹¹ Este termo tem seu significado muito próximo do primeiro: corpo de barões de um rei, grupo de homens que estão em sua mesnada. Cf. *Ibidem*, v. 1, p. 587. Entretanto, há momentos em que o vocábulo é utilizado exclusivamente em referência aos homens que detêm o título de barão, não exclusivamente os cognominados traidores que são três, mas abrangendo também Dinan de Dinan, modelo de barão fiel do rei Marcos.

¹² 449-54 Ce saviez, sire, sanz doutance, Isso saiba, senhor, sem receio,
Je li feïse l'aquitance, Se eu fizesse-lhe a doação,
Se je osase, volentiers; Se eu ousasse, de boa vontade;
Ne sol quatre besanz entiers Não só quatro moedas reais
Ne li vol metre en s'aumosniere, Queria colocar em sua esmoleira,
Por ta mesnie noveliere. Mas tua mesnada fofocaria.

¹³ 2237-42 Quant vos avrïez deresnie, Quando vós tiverdes justificado,
Qu'il me souffrist de sa mesnie, Que ele me suporte em sua mesnada,
Gel serviroie a grant honor, Eu servirei com grande honra,
Comme mon oncle et mon seignor: Como meu tio e senhor:
N'avroit soudoier en sa terre Ele não terá sobre sua terra
Qui miex le servist de sa gerre. Quem melhor sirva a sua guerra.

reinserção no grupo de servidores do rei, ele salienta muito mais sua submissão e devoção exclusiva àquele que além de tio é também seu senhor.

A mesnada de Marcos compreende não só os parentes carnis, como o sobrinho Tristão, mas igualmente homens que se vinculam ao rei por outros tipos de ligações, entre eles os barões cognominados traidores. A importância da mesnada é freqüentemente ressaltada, seja por Isolda, sempre temerosa a respeito das considerações feitas pelo grupo que auxilia o rei, seja por Tristão, quando salienta a vontade de retornar ao convívio do grupo.

Durante a narrativa, mesmo durante o efeito da beberagem de amor, Tristão reconhece a hierarquia da qual participa e procura esquivar-se de impor condições ao rei, diferentemente do restante da mesnada. Béroutl ressalta a discórdia presente no grupo entorno a Marcos, baseando-se na submissão incondicional do rei à vontade de seus barões, mesmo que esta vontade o desvie de seus comprometerimentos morais. Há uma confusão fundamental no que diz respeito a quem é o servidor e quem é o servido dentro da mesnada. Isso acarreta um grave problema para a configuração da hierarquia desenhada pela ordem feudal, onde as relações de dependência e de solidariedade estão condicionadas ao respeito e à submissão aos homens que representam a alta aristocracia laica, no *Tristan*, a figura do rei Marcos.

Já as menções feitas à mesnada de Artur são sempre seguidas por um adjetivo positivo que valoriza suas qualidades guerreira e cortês. Também Artur¹⁴ não economiza elogios ao grupo que o cerca, nem mesmo Béroutl salienta qualquer característica depreciativa¹⁵. Alguma coisa difere entre esse grupo e aquele de Marcos, algo que torna indissociável a figura do rei dos seus companheiros e alimenta esta relação, tornando-a acima de tudo positiva e próspera, inclusive aos olhos de outros reis e rainhas. O que assegura a fidelidade desse grupo? Sobre quais bases espiritual e material fundamentam-se as relações de dependência e solidariedade entre Artur e seu grupo, para que este divirja tanto em qualidade do grupo de Marcos? A representação esboçada nos versos a seguir, pode nos ajudar a encontrar algumas respostas:

3377-81 A demandé : "Ou est li rois ?
- Sire, fait il, il sit au dois.
Ja verroiz la Table Reonde,

Perguntou: "Onde está o rei?
-Senhor, disse ele, ele senta-se ao trono.
Vereis a Távola Redonda,

¹⁴ 3509-12 "Mesnie franche et honoree,
Gardez q'encontre l'asemblee
Soient vostre cheval tuit gras,
Vostre escu nuef, riche vos dras.

"Mesnada nobre e honrada,
Aguardastes o encontro do julgamento
Estejam com vossos melhores cavalos,
Vossos escudos novos, e com ricas vestes.

¹⁵ V. 4187 La mesnie Artus, la proisie, A mesnada de Artur, os prestigiosos,

Qui tornoie conme le monde.
Sa mesnie sit environ”.

Que gira como o mundo.
Sua mesnada senta ao redor”.

Esses versos encontram-se no episódio em que Perinis, criado de Isolda, vai procurar Artur para solicitar sua presença na justificação que a rainha fará diante da corte do rei Marcos. Enquanto procura o rei, Perinis depara-se com um pastor, ao qual pede informações sobre onde encontrar Artur. Em sua resposta, o homem anuncia o lugar da Távola Redonda¹⁶. Um espaço simbólico fundamental da corte de Artur, onde está seu trono e também sua mesnada. Para Bérout há uma homologia entre, a Távola, Artur e sua *mesnie*, que se traduz na perfeição esférica da adesão desse grupo, onde não há fissuras ou remendos, apenas um elo contínuo e forte, sustentado não na supremacia de um, mas nas qualidades de todos.

Anita Guerreau-Jalabert considera que a Távola Redonda institui em proveito da sociedade cavaleiresca uma dupla representação, a partir de dois eixos: um hierárquico, outro igualitário. O hierárquico vindo do posicionamento privilegiado da cavalaria em relação ao resto da sociedade: a Távola Redonda seria o símbolo de força e união cavaleiresca frente ao mundo exterior, uma “mesa soberana” que representa toda a riqueza, o luxo e a ostentação da corte. Além dessa relação vertical, existe ainda uma ligação horizontal que qualifica a cavalaria internamente: a reunião ao redor da mesa, o banquete dividido seria a expressão de uma sociabilidade entre iguais, sustentada na comensalidade fraterna entre os homens¹⁷. Essa fraternidade de armas e destinos representa-se como uma corporação, na qual as únicas distinções e particularidades são pensadas a partir da fórmula *primus inter pares*¹⁸, pela qual as desigualdades estão ligadas à ordem de nascimento.

Dessa relação de comensalidade, na qual os cavaleiros parecem dividir não só o alimento material, mas também um alimento espiritual, vemos nascer um vínculo que também se sustenta na *caritas*, através do respeito e da fidelidade àquele com quem se

¹⁶ A origem da Távola Redonda é atribuída a uma antiga tradição celta da “mesa dos festins”, da qual certamente os autores do século XII tinham um conhecimento oral. Isto fica mais claro na passagem em que Wace, no *Roman de Brut*, relata a tradição oral de sua origem: “Fez Artur a redonda tábola cujos bretões contam muitas fábulas”. É nesta obra de 1155 que temos a primeira ocorrência desta temática e também uma descrição precisa dos motivos da construção da Távola: “Nela sentam-se os vassalos, todos os cavaleiros e todos os iguais; à mesa igualmente se sentam e igualmente se servem; nenhum deles pode se vangloriar de ser melhor que seu par...” Cf. WACE. *Roman de Brut*, editado por I. Arnold e M. Pelan. Paris: Klincksieck, 1962, vs. 9751-9758.

¹⁷ GUERREAU-JALABERT, A. Aliments symboliques et symbolique de la table dans le romans arthuriens. *Annales ESC*, 1993, p. 561-594.

¹⁸ Primeiro entre os iguais, cf. CHAUOU, A. *L'Idéologie Plantagenêt*. Royauté arthurienne et monarchie politique dans l'espace Plantagenêt (XII^e-XIII^e siècles). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2001, p. 126 et seq.

reparte o mantimento. Como esta mesa da união que aparece na corte de Artur não nos deparamos com nada simbolicamente similar no reino de Marcos, que se encontra assolado por um desequilíbrio interno, ocasionado, principalmente pela fragilidade dos vínculos que sustentam sua mesnada. Por que nesse grupo as relações espirituais não conseguem atuar como vínculos duradouros como entre os membros do grupo de Artur? Está claro que, no caso do reino de Marcos, não são inimigos externos que ameaçam sua autoridade, mas homens tidos como “fiéis” que o desautorizam arditosamente.

Temos um rei que ocupa o topo da hierarquia feudal, apoiando-se tanto em suas relações de dependência, quanto em suas relações de solidariedade para referendar e manter a ordem social a qual encabeça. Entretanto, verificamos dois movimentos distintos de insubmissão a este rei. Ora Tristão, sofrendo com o efeito da beberagem, esquece sua função e vive somente para amar Isolda, transgredindo a ordem social e moral. Ora os barões traidores, impulsionados na perseguição ao consanguíneo mais próximo de Marcos, questionam a autoridade deste, infringindo também as regras da feudalidade.

As relações carnis e espirituais que dispõe o rei, não se orientam para auxiliá-lo na administração e controle do reino, mas concorrem para seu enfraquecimento enquanto autoridade. A diferença entre uma e outra relação está nos motivos que as conduzem a este desvio: enquanto Tristão e também Isolda sofrem a coação de um elemento externo que lhes extirpa o controle sobre a vontade e a plena realização daquilo a que se comprometeram, os barões agem conscientemente contra o acordo estabelecido com Marcos, motivados pela soberba.

Béroul nos mostra a ambição e o não a *caritas* como elemento condutor da relação espiritual que os barões mantém com o rei. Esse vício, imanente aos barões traidores, orienta todas as suas ações e os desviam da finalidade de colaborar solidariamente com o rei. Como a relação não está orientada pelo desprendimento e pela devoção ao próximo, o vínculo desvia-se de sua direção original e provoca a desordem atestada. As relações espirituais são importantes para a configuração da ordem no reino. É sobre elas que se assenta parte da autoridade do rei. Porém, quando estas relações não se concentram neste fim, elas podem provocar um desajuste perigoso à ordem social instituída que, ao invés de legitimá-la, converge para a sua contestação.

Entretanto, não é somente a natureza deturpada da relação espiritual dos barões que provoca o desequilíbrio na corte de Marcos. O discurso de Béroul parece orientado

a revelar que esta dependência irrestrita em relação às solidariedades é mantida pelo rei, mesmo diante de tantos indícios de traição. O que ele questiona potencialmente não é a insubmissão dos homens ao rei Marcos, mas as inabilidades dele para detectá-la. Para o período um rei sábio combinava indistintamente sete virtudes que pertenciam a duas ordens diferentes: uma teológica e outra guerreira. O bom rei deveria ter primeiramente a capacidade de resistir a três tentações fundamentais: ao apetite da carne (luxúria, gula), ao apetite dos olhos (curiosidade, avareza) e à ambição terrestre (orgulho). Em contrapartida, deveria congrega três virtudes teológicas (fé, esperança e caridade) e quatro virtudes cardeais (força, justiça, magnanimidade e prudência)¹⁹.

O rei Marcos além de não apresentar nenhuma das virtudes acima, tem como principal designativo, durante toda a narrativa o termo *fol/fous* (desarazado). Como um rei poderia deliberar “sem razão”, de que forma ele alcançaria a lucidez para discernir? Pela falta de prudência ele não consegue aprender com a experiência acumulada para fazer um juízo claro e sensato das coisas que acontecem ao seu redor; por isso, ele pode ser manipulado indiscriminadamente por seus barões sem conseguir ver indício algum de traição nos atos deles. A mesma coisa se aplica aos amantes durante o efeito condicional da beberagem, quando conseguem despistar o rei das situações flagrantes em que se encontram²⁰. Dessa forma, o rei pode ser conduzido a tomar atitudes que vão contra a sua missão pacificadora e justa de governar os homens.

Assim, somente com a entrada de Artur na narrativa o rei Marcos conseguirá fazer frente aos barões para garantir a paz em seu reino. Pois apenas Artur, que congrega grande força e honra ao seu redor, será capaz de sobrepor-se a autoridade conquistada pelos traidores, assegurando o juramento da rainha. Artur representa a antítese da figura de Marcos, uma vez que a principal qualidade destacada por Bérout assenta-se na capacidade de Artur em congrega a força de sua mesnada a seu favor e não contra si mesmo²¹. Além dele, o narrador apela também para uma força superior, poderosa o

¹⁹ Ibidem, p. 99-101.

²⁰ No episódio do diálogo sob o pinheiro, Isolda e também Tristão identificam o rei empoleirado na árvore pelo reflexo dele na água da fonte, assim conseguem desviá-lo de qualquer flagrante. Também durante a estadia dos dois na floresta, prestes a extinção do efeito da beberagem, enquanto dormiam na cabana, vestidos e separados pela espada de Tristão, são flagrados pelo rei, que traduz o conjunto da cena como uma isenção de culpa dos dois.

²¹ Vs. 3257-60 Se en place est Artus li rois, Se o rei Artur estiver no lugar,
Gauvains, ses niés, li plus cortois, Gauvain, de seus sobrinhos, o mais cortês,
Girflez et Qeu li seneschaus, Girflez e Qeu os senescais,
Tex cent en a li rois vasaus Todos os cem vassalos do rei
N'en mentiront por rien qu'il oient, Que não mentirão por nada,
Por les seurdiz se combatroient. Defenderão o julgamento pelo combate.

bastante para reequilibrar o dano causado pela incompetência do rei²². Somente com o auxílio de Deus, que conhece no íntimo a consciência dos homens e pode salvar os injustiçados da perseguição dos mesquinhos, a realização da plena justiça estaria garantida.

Nessa circunstância de desordem sócio-moral, a fragilidade da figura real demanda um corpo de aliados e afins que suprimam suas deficiências. Bérουλ destaca o relacionamento entre Tristão e o rei, sobretudo, porque após o enfraquecimento da beberagem, Tristão recobra a consciência de seu compromisso com rei e deseja espontaneamente voltar a servi-lo e defendê-lo. Enquanto os barões permanecem insistindo em conquistar mais prestígio através da imperfeição do rei e da condenação de Tristão e Isolda. Essa diferença de comprometimento destaca Tristão do restante da mesnada, colocando-o em uma posição privilegiada no que concerne à capacidade de auxiliar efetivamente seu senhor sem, com isso pretender obter vantagens em cima de suas deficiências.

O princípio condutor da relação entre Tristão e o rei não se restringe ao elemento consanguíneo, ou mesmo à dependência material de Tristão, mas baseia-se, sobretudo na fidelidade e no amor fraternal nascido entre os dois a partir da vinculação espiritual do adubamento²³. A entrega das armas teve um caráter utilitário e técnico, pois foi conduzida pela necessidade de defesa contra o tributo vergonhoso imposto por um inimigo externo (Morholt) ao rei Marcos. No entanto, o aspecto moral aparece esboçado no que toca à propensa dedicação de Tristão em defender a honra de seu tio, enquanto os barões permanecem acuados diante da ameaça. O elemento espiritual que cimenta a relação dos dois mantém-se para além do efeito deturpador da beberagem, ainda que eles não permaneçam próximos. Tanto é assim, que Tristão, apesar de não retornar ao serviço do rei, preza pela restituição de Isolda, mesmo amando-a. É interessante notarmos que o efeito da beberagem expira, coincidentemente com o advento do

²² Vs. 909-14 Oez, signors, de Damledé,(Dam-le-Dé) Ouçam, senhores, do Senhor Deus,
Comment il est plains de pité; Como ele é pleno de piedade;
Ne vieat pas mort de pecheor. E não quer a morte do pecador.
Receũ out le cri, le plor Ele ouviu o lamento, o choro
Que faisoient la povre gent Que fizeram as pobres pessoas
Por ceus qui eirent a torment. Por aqueles que seriam torturados.

²³ Vs. 139-42 Molt vi mon oncle iluec pensis, Vi então meu tio muito pensativo,
Mex vosist estre mort que vis. Preferia estar morto a vivo.
Por s'onor croistre m'en armai, Para sua honra aumentar ele me armou,
onbati m'en, si l'en chaçai. Combati com Morholt, então o expulsei.

Pentecostes²⁴, no dia de São João²⁵. Período determinado para a realização dos batismos que representavam o principal modelo do parentesco espiritual cristão²⁶. Pelo que se apresenta, o momento é propício não só para contratação dos laços espirituais, mas também para o resgate da consciência e, sobretudo, para a confirmação dos verdadeiros compromissos. Dessa maneira, o vínculo espiritual adquire um peso maior na obra por assentar-se não na obrigatoriedade, mas na voluntariedade da contração do laço. Esta sobreposição pode ser confirmada na seqüência dos compromissos rememorados por Tristão: cavalaria, baronagem, avunculato; e também pela necessidade do rei em se apoiar nos vínculos de solidariedade e dependência para fazer cumprir uma ordem ou fazer respeitar sua autoridade²⁷.

Os vínculos contraídos a partir do livre consentimento e assentados no comprometimento íntimo são mantidos à revelia das adversidades. Esse é o padrão que deveria orientar tanto os vínculos de dependência quanto os de solidariedade. Porém, para que este padrão se configure, é necessário que o rei tenha discernimento para vislumbrar a voluntariedade e a fidelidade daquele que se submete. Estamos diante de um dispositivo que não é paliativo. Com efeito, há uma evolução importante na natureza das relações sociais e, em particular, na redefinição do papel da consangüinidade e da aliança, uma vez que elas também passam a responder à essência espiritual do amor fraternal e da fidelidade. Vemos confirmar-se uma trajetória de interiorização das relações de parentesco que converge para dimensionar as possibilidades e os limites da organização social.

²⁴ Vs. 1774-76 Seignor, ce fu un jor d'esté, Senhores, este foi um dia de verão,
En icel tens que l'en aoste, Naquele tempo de colheita,
Un poi après la Pentecoste. Um pouco antes do Pentecostes.

²⁵ Vs. 2147-49 L'endemain de la saint Jehan Na noite após o São João
Aconpli furent li troi an Terminados foram os três anos
Que cil vin fu determinez. De duração do vinho.

²⁶ O Pentecostes é a festa católica celebrada cinquenta dias após a Páscoa em comemoração da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Seu valor simbólico é muito forte, uma vez que sela a união espiritual dos homens com a Trindade e também entre si. A Páscoa e o Pentecostes foram tidos como datas particularmente apropriadas para a realização da cerimônia do batismo, já que esta visa o ingresso de novos membros ao seio da comunidade cristã. Cf. GUERREAU-JALABERT, A. *Spiritus et caritas...*, *op. cit.*, p. 138-139.

²⁷ Quando o rei está a favor dos barões e contra Tristão, são os barões os responsáveis pelo cumprimento das determinações do rei. O inverso ocorre quando o rei questiona o auxílio dos barões e demonstra a necessidade de recorrer a Tristão para reafirmar sua autoridade. Ver especificamente os versos: 767-772 e 3082-3086.